

Dívida externa diminui de 50% para 36% do PIB

Miriam Leitão

A mais recente idéia que surgiu na negociação da dívida, e que foi batizada no Brasil com o insólito nome de perenização da dívida foi apresentada ao ministro Mailson da Nóbrega, em Amsterdã, por três banqueiros com quem se encontrou na assembleia anual do BID. Depois de ouvir a surpreendente proposta, o ministro voltou convencido de que em dois ou três anos a questão da dívida não será mais problema para o país.

"De 1982 para cá, a dívida deixou de representar 50% do PIB para ser apenas 36%. Em 86 a dívida representava cinco vezes o valor das exportações, agora não chega a quatro vezes", comemora Mailson.

O primeiro banqueiro a falar no assunto - Mailson não revela quem foi - aproximou-se do

ministro brasileiro e ensaiou: "vocês poderiam começar a pensar em aceitar a queda das taxas de juros em vez de comprar a dívida no mercado secundário". Mailson gostou da idéia porque em plena época de subida das taxas, nada mal começar a se beneficiar instantaneamente do efeito da redução do serviço. Depois, outros dois banqueiros falaram também no assunto e explicaram melhor: os títulos da dívida brasileira seriam trocadas por outros com o mesmo valor de face, mas de uma categoria nova: seriam títulos perpetual, com uma garantia dos organismos multilaterais.

Credores e devedores ganhariam com a nova fórmula mágica. "Os bancos teriam uma vantagem fiscal" explica Mailson. Isto porque, se eles apenas venderem os títulos atuais no mercado secundário têm que abater já os prejuízos em seus balanços. Mas, com a troca pelo outro papel, o valor de face é o mesmo e a redução dos juros não provocaria estragos contábeis. A nova proposta foi recebida com um certo ceticismo no governo brasileiro, mas foi encarada como mais uma demonstração de que a criatividade do mercado é maior do que se imagina, como também está mal avaliada a disposição dos banqueiros de perder dinheiro na busca das soluções para este problema.